



*a  
estação  
do  
prazer*

Para os fãs de  
E L James  
e  
J. Kenner

*Viva uma paixão avassaladora...  
e entregue-se ao desejo.*

**SADIE MATTHEWS**

Autora bestseller de

*A ESTAÇÃO DO DESEJO e A ESTAÇÃO DA PAIXÃO*

**TOP  
SEL  
LER**

*Para C.B.*

# Prólogo

Ele está lá fora, do outro lado deste quarto. Imagino-o, parado junto às portas abertas, a contemplar o mar. Um braço levantado e apoiado na ombreira da porta, a brisa leve a soprar-lhe no cabelo. Na minha fantasia posso sair daqui e lá está ele, de costas voltadas para mim, corpulento e musculado sob a t-shirt branca. Vejo-lhe o cabelo escuro a abanar ligeiramente na brisa e a penugem macia junto à nuca, onde anseio deslizar as pontas dos dedos.

No que estará a pensar enquanto contempla a vasta extensão de oceano que se perde no horizonte? O sol mergulha nas profundezas marítimas, deixando raios de luz rosa e dourada que se espalham sobre as nuvens azul-acinzentadas. A paisagem é serena e harmoniosa, o tipo de imagem que nos faz acreditar, ainda que por escassos segundos, que tudo vai correr bem.

Estará a pensar em mim? Talvez me esteja a vislumbrar, neste preciso instante, da mesma maneira que eu o estou a visualizar. Sabe que estou aqui, deitada nesta cama, somente a pensar nele.

Mas, na minha mente, estou a olhar para ele, a inebriar-me na imagem da sua pele bronzeada, tão macia e quente, e na forma como as calças de ganga lhe assentam sobre os músculos tonificados. Calculo que por baixo da t-shirt haja uma série de músculos abdominais, uma caixa torácica larga e uns ombros fortes e poderosos. Sinto inclusivamente a doçura almiscarada do seu odor, deixando-a invadir-me as narinas e alimentar-me os sentidos com prazer. Esse pensamento faz-me salivar. A minha fantasia permite-me caminhar silenciosamente até ele e pousar as mãos no calor vigoroso das suas costas. Ele sobressalta-se e vira-se para trás, os olhos surpresos.

«Ei!», diz-me. «O que estás a fazer?»

«Não sou capaz de resistir», sussurro. «Não consigo resistir a esta ânsia. Tu consegues?»

Os seus olhos castanhos-escuros enternecem-se e depois descem para me fitar. O olhar dele envolve-me e a minha pele reage com um arrepio. Só a forma como olha para as minhas curvas, para o relevo dos meus seios e para o modo como os meus lábios estão entreabertos, já ávidos dele — só isso já me deixa em brasa.

«Sabes bem que não podemos», murmura ele, mas está completamente voltado para mim. A posição dele — a cabeça inclinada para o lado, a pele bastante escurecida com a barba de uns dias, a sua forma musculada tão poderosa, mas graciosa — deixa-me os nervos em franja de desejo. «Não é permitido.»

«O que é que nos impede?» Inspiro e dou mais um passo para ele. Agora a brisa noturna sopra-me no cabelo, levantando um ou dois fios que flutuam no ar. Ele estende a mão e penteia-mos. «Estamos sozinhos. O que é que nos impede?»

Os olhos castanhos aveludados ficam carregados de prazer, os dois parados tão perto um do outro. Olho para os picos de barba escura espalhados na sua pele, para a curva dos lábios, para a forma como as pestanas escuras lhe emolduram os olhos debaixo das sobrancelhas pretas.

É o homem mais belo que alguma vez vi.

Aproximamo-nos impercetivelmente um do outro. Agora sinto a respiração dele na minha face e a sua mão está quase a roçar na minha. Os meus lábios estão prontos para o toque dele, dormentes e a fervilhar em sinal de antecipação. O meu estômago dá voltas de ansiedade e sinto o desejo a crescer dentro de mim.

Meu Deus, desejo-o. Anseio por ele.

Leio o mesmo no rosto dele e no modo como a sua respiração está agora mais acelerada. A tensão crescente entre ambos é quase insuportável. Tem sido assim desde o primeiro instante em que olhámos um para o outro: a presença dele atingiu-me como um murro no estômago, foi como se tivesse batido contra uma parede. Deixo que o meu olhar percorra lentamente a extensão do peito dele, até à cintura estreita e ao cinto de cabedal preto que está a usar. Os meus dedos ambicionam desapertar-lho, enfiar as minhas mãos lá dentro e descobrir cada segredo dele. O meu próprio corpo anseia pelo toque dos seus dedos, o roçar da barba por fazer áspera na minha pele

macia, o morder dos seus dentes nas minhas partes mais tenras, a humidade da sua boca onde as minhas secreções se misturam.

Agora também estou a respirar de forma mais ofegante, a minha pulsação está acelerada. Não sei como é que irei resistir a isto, quando me sinto atraída para ele por uma força que não sou capaz de combater. Não me parece que alguma vez me possa sentir completa se não me encostar a ele, se a minha boca não se apoderar da dele, deixando-o pôr o braço à minha volta e saquear o meu corpo.

Olhamo-nos fixamente, os nossos lábios quase a fundirem-se, os dedos a vibrarem com a vontade de nos tocarmos, afagarmos, acariciarmos.

«Não resistas», sussurro-lhe. «Permite que aconteça.»

Ele deixa escapar um arquejo de desejo e os olhos castanhos ficam doces como o melado.

«Santo Deus, o que tu me fazes...», murmura numa voz que soa quase desesperada. «Sabes bem porque é que não é permitido. Sabes bem porque é que não pode acontecer.»

«Então não contamos a ninguém.» A minha face está praticamente a roçar na dele. Sinto o calor da sua respiração na minha pele. *Quanto tempo mais até te poder ter? Isto é pura tortura.*

«É verdade. Não contamos a ninguém. Nunca contaremos a ninguém.»

«Nunca, nunca contaremos a ninguém», repito, num tom de voz baixo e hipnótico. Talvez, se o disser repetidamente, possamos acreditar que o que desejamos é possível.

As nossas bocas estão prestes a tocar-se. A minha língua está junto aos lábios dele, a humidificá-los, pronta. Estou sedenta dele e sei que sente o mesmo em relação a mim.

«Agora», digo eu, num misto de súplica e comando. «Por favor. Não aguento mais isto. Agora.»

Os olhos dele fecham-se, os braços envolvem-me e ele puxa-me contra si com a força algo contida do seu desejo.

«Oh, meu Deus», geme ele, «cheiras tão bem. Quero-te tanto...»

Fecho também os meus olhos. Só me quero perder no veludo escuro do seu beijo, no enlaço quente e húmido da sua língua, no sabor adocicado da sua boca, no toque das suas mãos na minha pele...

Abro os olhos de repente. Estou a fitar a parede, o meu coração bate furiosamente, o sangue fervilha-me nas veias. Ele não está aqui. Está lá fora. Não posso chegar a ele e nem sei se alguma vez poderei.

Mas ele tem razão. Não é permitido. É proibido.  
Nunca poderei ser dele.

# PARTE UM

## CAPÍTULO 1

— Vou cortar o apoio financeiro às três. Acabou-se o dinheiro. E quero-as todas também fora daqui. Vão ter de se safar sozinhas. Há demasiado tempo que andam a ser mimadas e apapricadas, e isso vai mudar a partir deste instante.

Fitamos o nosso pai em choque, incapazes de falar por breves instantes. A Flora olha para mim, os olhos dela muito abertos e assustados. Sei o que está a pensar; sei-o sempre. Talvez seja por sermos gémeas ou se calhar tem a ver com o facto de o rosto dela revelar tudo o que sente, mesmo quando não tem noção disso.

Não se trata do dinheiro.

Sei que é isso que lhe vai na cabeça. É o mesmo que eu estou a pensar. Olho para a minha irmã mais velha, a Freya. Há tanto tempo que não a via, mas a alegria de estarmos reunidas foi azedada por esta confrontação terrível. A Freya está pálida e morde o lábio inferior com força, ao mesmo tempo que tenta manter a compostura. Talvez isto seja mais complicado para ela. Sempre pareceu sofrer imenso durante a nossa infância. Tenho a certeza de que, tal como eu e a Flora, a Freya não está preocupada com o dinheiro. Quando saiu de casa há três meses, arriscou ser expulsa da vida do nosso pai. Mas nenhuma de nós esperava que isto chegasse a este ponto.

Olho para o meu pai. Está parado junto à parede de vidro que tem uma vista espetacular sobre os Alpes. Nesta altura do ano, em que a primavera recupera nas montanhas a grandiosidade despida do inverno, a casa parece ganhar vida. Por trás da figura baixa e corpulenta do meu pai vejo a alcatifa de verdura que agora cobre as encostas rochosas, assim como as manchas de cor compostas por alegres flores primaveris. Lá fora as coisas estão a retornar à vida, a renovar-se. Aqui dentro, parece que algo está a morrer.



Olho novamente de relance para a Flora. Apercebo-me de que lhe apetece pôr-se de pé e começar a defender-se de forma acalorada, mas está a conter-se. Ninguém quer piorar a situação mais do que já está. A Freya, parece-me, só quer sair daqui para fora. Não sei como é que o meu pai a convenceu a regressar, mas a verdade é que o fez. A vontade de sair daqui e correr para os braços do homem que ama está estampada no rosto dela. A Flora também tem ar de quem deixou metade da alma entregue ao cuidado de outra pessoa. Sei que está profundamente envolvida com alguém e essa ideia assusta-me, ao mesmo tempo fazendo-me sentir privada de algo. Agora sou a única que está sozinha.

O meu pai pigarreia e torna a falar, quebrando o silêncio gelado que se instalou desde que fez o seu anúncio. Diz:

— Isto não muda em nada o que sinto por vocês. Sabem que vos amo. Só estou a fazer isto porque acho que é o melhor para todas.

Não consigo evitar olhar para a Estella. Um ténue sorriso insinua-se no rosto dela. Aposto que está a adorar isto. É aquilo para que tem estado a trabalhar já há muito tempo e agora conseguiu finalmente afastar-nos do nosso pai. Sei que está triunfante porque o meu pai vai ficar com mais dinheiro para ela gastar. Mas não compreende que o que nos parte o coração é a forma como ela o roubou de nós.

A Freya diz:

— Pois tem uma maneira curiosa de o demonstrar, pai. — Levanta-se do lugar dela no sofá. Sempre admirei a minha irmã mais velha e agora parece ainda mais impressionante, vestida de preto com um ar cerimonioso, bonita e mais madura do que nunca. — Não percebo como é que as coisas chegaram a este ponto — diz, simplesmente.

O meu pai não tenciona ceder, nem sequer põe a hipótese de estar errado.

— Percebes sim, Freya — responde-lhe ele, num tom irritado. — O teu comportamento tem sido quase escandaloso.

— Apaixonei-me — diz a Freya com firmeza, os olhos escuros fixos no rosto do nosso pai. — Desde quando é que isso é escandaloso?

O nosso pai balbucia algo de forma atabalhoada e incoerente, e depois diz:

— Arranjaste maneira de apareceres escarrapachada em todos os jornais! Passaste a ser o tema favorito dos tabloides, precisamente aquilo que gastei uma fortuna a tentar evitar. E o mais certo é teres-te apaixonado por um homem que só quer meter as patas no teu dinheiro!

O olhar da Freya desvia-se para a Estella, que está sentada numa cadeira ao lado do meu pai, muito composta e com ar de Barbie.

— Não me diga... — responde calmamente. — E que experiência é que o pai tem dessas coisas?

Felizmente o meu pai não ouve o comentário mordaz dela. Continua a falar:

— Desobedeceste-me, Freya! Disse-te para não te envolveres mais com o Murray enquanto não o investigássemos e fizeste precisamente o contrário. Provaste que estás a precisar de uma boa dose de realidade, minha menina. Veremos quanto tempo vai durar essa tua aventura amorosa com a torneira do dinheiro fechada!

A Freya arqueia ligeiramente as sobrancelhas para a Estella e murmura:

— Sim. Seria interessante ver isso, não seria?

Não sei como é que ela se consegue conter. A antiga Freya teria gritado, berrado e saído de rompante. O Miles Murray deve ter feito algo extraordinário para a transformar nesta mulher controlada e tão senhora de si.

*Será que é isso que acontece quando nos apaixonamos?*, interrogo-me e depois olho para a Flora, cujos olhos brilham de fúria, constataando que está claramente agitada. *Se calhar não.*

Sei o que ela está prestes a fazer. Não consegue aguentar-se mais tempo e, antes de eu ter tempo de estender a mão para a impedir, põe-se de pé — a emotiva Flora, que tem sempre de dizer o que sente e que não consegue esconder as emoções.

— Não é justo! — explode ela. — Quer saber porque é que a Freya apareceu nos jornais? Nunca se questionou como é que os fotógrafos sabiam exatamente onde é que ela estava, se nunca disse a ninguém, nem mesmo a nós, para onde ia? E quem é que revelou à imprensa os pormenores sobre o fim da relação dela com o Jacob? Como é que isso terá acontecido?

Admiro o espírito dela, mas quero dizer-lhe que é uma perda de tempo. O pai não quer saber e jamais acreditará.

— Flora — digo eu, interrompendo-a assim que a vejo fazer uma pausa para respirar —, deixa estar. Só vais piorar a situação.

Ela olha para mim, os olhos em fúria:

— Pior do que já está? Ele tem de saber a verdade em relação a tudo isto!

O pai olha fixamente para a Flora e nunca o vi com uma expressão tão fria. Dá-me a volta ao estômago, de náuseas. *Como é que isto aconteceu? Porquê? Será mesmo tudo obra da Estella? Como é que uma mulher pode criar um fosso tão grande entre um homem e as suas filhas? Porque é que ele não gosta de nós o suficiente para não permitir tal coisa?*

— Não sei como é que te atreves, minha menina — diz o pai, numa voz gelada. — Depois de tudo o que já fizeste. E eu a pensar que a Freya ter-se vendido ao desbarato a um gigolô já era mau o suficiente. Mas tu...

As faces da Flora estão completamente ruborizadas. Com a sua cascata de caracóis castanhos-avermelhados sobre a compleição rosada, aparenta um ar deslumbrante. Vejo que está mortificada com a forma como o pai está a falar com ela, com o que ele está a insinuar. Já me contou que a Estella apareceu de surpresa uma tarde em Paris, e que lhe disse que tinha fotografias comprometedoras dela e que tencionava utilizá-las, caso fosse necessário. Pela primeira vez, segundo a Flora, a Estella deixara bem clara a sua intenção: iria proteger a posição dela ao lado do meu pai virando-o contra nós, fosse de que maneira fosse.

A Flora está a tentar controlar-se, mas a voz dela soa trémula e nervosa:

— Não percebo porque é que pensa que tem o direito de decidir com quem é que podemos ou não andar — começa por dizer, mas o pai interrompe-a com um resfôlego.

— Andas metida com um bandido, Flora! Deixei de fazer negócios com o Dubrovski logo que descobri algumas das coisas em que ele anda envolvido. É óbvio que está a tentar ficar novamente bem visto aos meus olhos, servindo-se da tua possível influência. Pois mas não vai resultar. Veremos quanto tempo vai durar o interesse dele por ti, quando descobrir que não tens qualquer influência sobre mim. — O pai olha para nós as três, com uma expressão muito séria. — Podem achar que estou a ser cruel, mas um dia vão compreender que estou a proteger os vossos interesses. E quando isso acontecer vão agradecer-me.

— O Andrei não é bandido nenhum — protesta a Flora, as faces vermelhas. — É carinhoso, decente e...

O pai esboça uma careta trocista, ao mesmo tempo que abana a cabeça:

— Estás cega com a paixão que ele conseguiu despertar em ti. Não vês as coisas como elas são.

A Flora quase arqueja de indignação e a Freya abana lentamente a cabeça. Apetece-me rir quando penso no facto de o pai não ser capaz de ver o paralelismo com a sua própria situação. Aqui está ele, convencido de que todos os homens do mundo andam atrás de nós por causa do dinheiro, quando numa cadeira a escassos metros dele está sentada uma mulher que disse à Flora que proporcionava uns bons momentos ao nosso pai em troca de segurança financeira.

É isso que nos magoa. Amá-lo-íamos de qualquer maneira. Mas, se ele perdesse tudo o que tem, a Estella largá-lo-ia com uma rapidez tal que ele nem teria tempo de se aperceber do que tinha acontecido.

De repente, ganho coragem para falar:

— E a mim, pai? — pergunto-lhe em voz baixa. — Há alguma coisa que me queira dizer?

Ele fita-me como se se tivesse esquecido completamente de mim e depois a sua expressão suaviza-se. Ainda não o ofendi. E, além disso, sempre teve um carinho especial por mim, talvez porque, das três, sou a que mais se parece com a nossa mãe.

— Summer — diz ele e por uns instantes ouço na sua voz aquilo por que sempre ansiei: carinho e preocupação. Então a Estella mexe-se subtilmente no lugar e os olhos dele tornam-se um pouco mais duros, como se recordasse uma lição que ela lhe ensinara. — Lamento, mas isto também se aplica a ti. Estás habituada a ser sustentada. A única coisa que fazes na vida é saltitar por esse mundo fora, de festa em festa. A partir de hoje isso vai ter de acabar. Têm de aprender a cuidar de vocês mesmas, está decidido. — O nosso pai olha novamente para todas nós. — Um dia vão agradecer-me — acrescenta ele, num tom de voz que me diz que está completamente convencido de que está a agir no nosso interesse. — Agora, meninas, vão-se lá embora e pensem no que vos disse.

\* \* \*

Reunimo-nos na sala de estar, um espaço acolhedor onde encontramos sempre um pouco de calor e privacidade na frieza desta mansão, uma montanha feita de aço e vidro. Quando nos sentamos, a porta abre-se e a Jane-Elizabeth entra, com o rosto tenso e infeliz.

— Oh, meninas — exclama ela, acercando-se de cada uma de nós para um beijo e um abraço. — Nem acredito no que está a acontecer! — Senta-se no sofá ao lado da Flora e pega-lhe na mão. — Se me tivessem dito há um ano que isto iria acontecer, jamais teria acreditado.

— Isso é porque há um ano a Estella não tinha o poder que tem agora! — responde a Flora, as faces novamente ruborizadas.

— E ainda não nos queria destruir — acrescenta a Freya, com uma expressão séria. — Mas agora deixou bem claro que estamos em guerra.

— Não digam isso, meninas — diz a Jane-Elizabeth com um gemido e depois fica ainda mais pálida. — Isto não devia ter acontecido. — Ela parece estar a sofrer. Nunca vi a Jane-Elizabeth neste estado: está menos roliça do que o habitual e tem o rosto chupado. A madeixa branca na parte da frente do cabelo escuro está mais pronunciada do que da última vez que a vi, de certeza absoluta. Tem sido como uma mãe para nós ao longo destes anos, desde que a nossa mãe faleceu, e tem sido o braço-direito do meu pai desde sempre. Gostamos imenso dela. É terrível vê-la assim tão perturbada.

— Mas as coisas são assim, por muito que não gostemos. — A Freya levanta-se e aproxima-se da lareira, fitando a grelha vazia. A julgar pela brancura dos nós dos dedos dela, e pelo punho cerrado pousado na prateleira da chaminé, vejo que está tão agitada como a Flora. Só que disfarça melhor. — A Estella está a conseguir afastar-nos do nosso pai.

— Lembram-se de como era quando ela veio para cá pela primeira vez? — pergunto eu.

A Flora dá uma risada desconsolada:

— Se me lembro. Não podíamos prever que as coisas acabariam assim.

Visualizo-a agora: a Estella com a sua forma de ampulheta, cabelo cor de caramelo lustroso e os grandes olhos de veado que ela realça com carradas de rímel e de lápis. Mas não era assim quando chegou. Na altura era banal, bonita se olhássemos mais de perto, mas não

de uma forma que chamasse a atenção. Vestia fatos azuis-escuros formais, prendia o cabelo acastanhado num rabo de cavalo e andava de um lado para o outro com sapatos rasos, tratando habilmente de todos os nossos problemas e nunca demasiado ocupada para ajudar. A Estella era a nossa assistente pessoal, contratada quando as nossas vidas agitadas começaram a roubar demasiado tempo à Jane-Elizabeth. A Estella — tranquila, eficiente, inteligente e cheia de vontade de agradar — fora contratada para ajudar a gerir as nossas agendas preenchidíssimas e, durante uns tempos, tudo correria bem. Gostávamos dela. Afinal de contas, não era muito mais velha do que nós e era fantástica na organização das nossas vidas. A sua capacidade para fazer desaparecer problemas como que por magia era tão impressionante que eu e a Flora costumávamos dizer a brincar que ela era uma espécie de bruxa. Os voos estão todos cheios? Agora já não estão — a Estella conseguia arranjar um ou dois lugares. Um vestido esgotado? Ela conseguia encontrá-lo no tamanho certo e mandá-lo entregar no espaço de um dia. Sobreposições de agenda eram contornadas, discussões eram resolvidas, marcações eram feitas nas semanas desejadas com imenso tempo de antecedência. Era uma excelente profissional, mas talvez se tenha fartado de cuidar de três raparigas ricas e mimadas e tenha desejado desfrutar também dessa vida na alta-roda.

Assim como o resto do mundo, a Estella tinha a plena consciência de que o nosso pai era bilionário, com uma fortuna construída através de uma vida de trabalho árduo e de decisões de negócio astutas. E gradualmente, muito gradualmente, começou a revelar-se. A primeira coisa de que nos apercebemos foi o namoriscar. A forma como se comportava com o nosso pai passou subtilmente de uma educação profissional a um estilo divertido e com alguma intimidade. Começou a meter-se com ele, a fazer piadas, a ganhar vida assim que ele aparecia e a manifestar um interesse profundo por todas as facetas da vida dele. Depois começou a revelar preocupação para com ele. «Está cansado, Sr. Hammond? Devia descansar mais, tem andado a trabalhar tanto! Venha cá sentar-se um bocadinho, deixe-me preparar-lhe uma bebida...» ou «Tem de cuidar de si, Sr. Hammond, senão ainda tem um esgotamento. Aqui tem, trouxe-lhe este chá maravilhoso, que o vai acalmar e dar-lhe a melhor noite de sono do mundo...».

O nosso pai estava sozinho desde a morte da nossa mãe, ou se não estava a verdade é que nunca nos apercebemos de nada. Sempre desejámos secretamente que ele e a Jane-Elizabeth se juntassem. Afinal de contas, percebíamos que a Jane-Elizabeth o adorava a sério, não obstante a barriga, a careca e a mania de controlar tudo. Nunca tinha acontecido e agora aqui estava a Estella, a arrulhar e a passarinho à volta dele de um modo que parecia francamente forçado. Mas o pai nunca o entendera assim. Adorava a atenção que ela lhe dava e, à medida que começou a olhar para a Estella de maneira diferente — não só como essa rapariga prestável com o bloco de notas e a boa atitude —, a verdade é que ela começou a mudar. O cabelo saltitava-lhe em torno dos ombros, mais comprido e com madeixas cor de caramelo que brilhavam ao sol. A roupa começou a ser mais justa e os saltos mais altos, e usava maquilhagem todos os dias. Devo admitir que a princípio achávamos que lhe ficava bem. Não me tinha apercebido do quão bonita era até ela ter começado a tirar partido dos seus atributos. Mas pouco depois tornou-se excessivo. Bamboleava-se pela casa com vestidos colados ao corpo e saltos altos, e era óbvio para todas nós que tinha um plano em mente. Mas quando nos apercebemos de que a Estella levava bastante a sério o namorar com o nosso pai, já era tarde demais. Ele já estava pelo beicinho e recusou-se a ouvir uma única palavra do que lhe dissemos para o avisar em relação a ela. A única coisa que nós, as filhas, sabíamos era que a nossa relação com o nosso pai estava a mudar de uma forma que não compreendíamos. Ele continuava a ser o mesmo controlador e paranoico com a nossa segurança do costume, mas a afeição fácil e a comunicação aberta que tivéramos haviam desaparecido. A Estella parecia ser dona dele, tanto do coração como da alma.

— Meninas, acham mesmo que a Estella está por trás disto tudo? — pergunta a Jane-Elizabeth, os olhos carregados de ansiedade.

A Freya resfolega:

— Claro que sim. Sabemos que tem acesso ao teu e-mail, Jane-Elizabeth. Quando mandou os *paparazzi* vigiarem-me com o Miles, ao hotel que eu só a ti tinha revelado, tornou-se mais do que evidente. Mas também tem acesso aos ficheiros do pai; foi assim que soube do fim da minha relação com o Jacob e o divulgou à imprensa. Estava a fazer os possíveis para causar chatices entre mim e o pai.

A Flora mete-se na conversa:

— E seguiu-me em Paris, também. Foi assim que conseguiu as fotografias com as quais me ameaçou.

A Freya volta-se para ela:

— E mostrou-as ao pai?

A Flora abana a cabeça:

— O Andrei arranjou maneira de lhas tirar.

Segue-se um estranho momento entre as minhas irmãs, enquanto se fitam. Percebe-se uma certa acusação na voz da Freya quando pergunta:

— Ai sim? E como é que ele fez isso?

A Flora assume um ar desafiador ao responder:

— Não magoou ninguém, se é isso que estás a insinuar.

Elas fitam-se mutuamente. Sei que há chatice entre as duas e que está relacionado com o namorado da Flora, o Andrei Dubrovski. Fico desanimada. Assim que descobri que a Flora andava envolvida com um homem como ele, fiquei cheia de medo por ela. Mas ao que parece é ainda mais complicado que isso. Ele tem também um poder qualquer sobre a Freya, mas ainda não sei o que é.

Levanto-me, subitamente em pânico.

— Por favor... — A minha voz soa trémula. — Não podemos brigar, temos de nos manter juntas e unidas. Caso contrário não conseguirei suportar isto...

Ambas olham para mim e a tensão alivia-se um pouco. A Jane-Elizabeth põe-se de pé e aproxima-se de mim para me abraçar. Sinto-me reconfortada pelo odor a lírios que ela emana sempre e pelo calor familiar do seu corpo.

— Summer — murmura ela. — Não te preocupes, vai ficar tudo bem. Prometo. — Virando-se para as outras duas, diz: — Mas a Summer tem razão. Não podem permitir que nada se intrometa entre vocês numa altura destas. Se estiverem certas em relação à Estella, e eu acho que sim, então sabe-se lá quanto tempo durará esta situação com o vosso pai.

A Flora fica subitamente muito pálida:

— E se ele... se casar com ela?

— Aposto que vai fazê-lo — diz a Freya, bruscamente. Depois encolhe os ombros. — Ele que o faça. Não quero saber dele nem do dinheiro, se é assim que nos vai tratar. Não me importo nada se nunca mais aqui voltar. Só quero é regressar para junto do Miles o mais



depressa possível. — Os olhos dela ficam mais meigos ao pensar nele. Sei que está a adorar morar com ele na Escócia, longe de tudo e de todos.

— Concorde — responde a Flora, levantando o queixo no ar. — Tenciono regressar a Paris. Tenho de continuar com os meus estudos. Ainda me falta um ano na Academie.

Olho-a fixamente, ciente de que está a ser sincera. Adora a Academie onde anda a estudar representação. Mas também tem o Andrei à espera dela e a vida que ele lhe pode oferecer lá. Nunca me senti tão sozinha. As minhas irmãs têm amor na vida delas, todo um outro sentido para a sua existência. E eu não tenho ninguém.

A Flora abana a cabeça:

— Só não compreendo como é que num instante parece que estamos fechadas numa redoma de vidro, a ponto de mal nos conseguirmos mexer sem que o pai tenha conhecimento de cada passo que damos, e no instante seguinte está a borrifar-se para o que nos possa acontecer!

A Freya responde, num tom sombrio:

— Só prova a extensão do poder da Estella sobre ele. Além do mais, não me admira nada que o pai tencione continuar a vigiar-nos.

A Flora pensa nas palavras dela:

— Olha que não sei. Talvez ache que o Miles e o Andrei vão cuidar de nós.

Segue-se uma pausa desconfortável quando nos ocorre a todas que não existe ninguém para cuidar de mim, mas mesmo assim estou a ser deserdada juntamente com elas.

— Há uma coisa que ainda não discutimos — digo eu, tentando aparentar desinteresse enquanto torno a sentar-me.

A Jane-Elizabeth olha para mim, o sobrolho carregado em sinal de preocupação, ao mesmo tempo que se senta numa poltrona. Parece perceber que estou em fânicos por dentro, apesar de estar a disfarçar o melhor possível. Pisco os olhos com força e evito o olhar dela.

— O quê? — pergunta a Freya.

— O dinheiro. O pai vai deixar de nos dar dinheiro. Isso quer dizer que se fechou a torneira. Não temos como nos sustentar. A não ser que vocês tenham sido mais cautelosas do que eu e tenham juntado algum. — Já me estou a interrogar se o nosso pai tenciona cancelar os cartões de crédito que utilizo sem pensar duas vezes.

Vivo de momento em momento, sem planejar o futuro ou questionar de onde vem o dinheiro para pagar as coisas. Mando as contas para a Jane-Elizabeth e reservo quartos de hotel, encomendo comida, pago refeições e nem sequer penso no assunto. Um mundo sem essa segurança parece-me imenso, escuro e assustador.

Segue-se uma pausa enquanto as minhas irmãs me olham fixamente e sei no que estão a pensar. Ambas têm um companheiro na vida delas, alguém com quem partilhar os problemas, alguém a quem recorrer enquanto decidem como ultrapassar a situação. O frio gélido do isolamento espalha-se sobre a minha pele.

*Não tenho ninguém.*

A Jane-Elizabeth diz de repente:

— Não me parece que ele possa fazer isso. Cortar completamente todo o apoio financeiro, quero eu dizer.

Voltamo-nos para ela.

— A sério? — pergunta-lhe a Flora. Percebo que está a pensar nas propinas da Academie e no custo de vida em Paris. Mora num bonito apartamento no Marais e, tal como eu, está habituada a uma vida sem contar os tostões.

A Jane-Elizabeth acena com a cabeça:

— As três têm fundos fiduciários nos quais o vosso pai não pode mexer, por causa dos impostos. É possível que tente evitar que recebam alguma coisa desses fundos durante uns tempos, mas primeiro terá de arranjar maneira de os depositários concordarem com ele.

— Tenho a certeza de que conseguirá fazê-lo — observa a Freya, num tom seco —, tendo em conta que são todos amiguinhos.

A Jane-Elizabeth pensa durante um bocado:

— Há outra coisa — diz ela. — Vocês três fazem parte da administração da Fundação Hammond.

Olhamo-la fixamente, sem compreendermos. Temos conhecimento da fundação de beneficência que o nosso pai criou, mas até agora nunca tivemos nada a ver com ela.

— O que é que isso quer dizer? — pergunta-lhe a Flora, franzindo o sobrolho.

— Recebem um salário da fundação — explica a Jane-Elizabeth. — É pequeno, mas é alguma coisa. Terão o suficiente para viver, enquanto se resolve esta situação. — Ela aparenta um ar sério. — Mas infelizmente não é tanto quanto aquilo a que estão habituadas.

— Havemos de nos safar... — A Freya esboça um sorriso irónico. — Até arranjarmos empregos como deve ser. — Dá uma risada. — Talvez o pai tenha razão e um dia ainda iremos agradecer-lhe.

— Nenhuma de nós está preocupada com o dinheiro — afirma ardentemente a Flora. — Mas a ideia não foi dele. Foi da Estella. Para poder ficar com mais para ela. E é a isso que eu me oponho.

— Acho que estamos de acordo em relação a isso — responde a Freya, num tom calmo.

A Jane-Elizabeth olha para nós, com as mãos firmemente entrelaçadas e pousadas em cima do colo:

— Se puder fazer alguma coisa para vos ajudar, meninas, sabem que o farei. Mas não sei quanto tempo estarei por cá. Se a Estella conseguir levar a dela avante, penso que o vosso pai irá sugerir que eu procure outra coisa.

Sustenho a respiração e as outras duas parecem igualmente chocadas. *Ficarmos sem a Jane-Elizabeth? Não! Certamente que não... Seria o mesmo que voltarmos a perder a nossa mãe!* Pela primeira vez, sinto o ardor quente das lágrimas nos olhos.

— Ela seria capaz disso? Porque é que se sentirá ameaçada por ti? — pergunto eu, com um nó na garganta.

— Porque sabe que vos amo às três — diz simplesmente a Jane-Elizabeth e nenhuma de nós consegue responder-lhe. Ficar calada é o melhor que posso fazer para evitar ir-me abaixo.

— Não vamos permitir que isso aconteça! — afirma a Freya, batendo com o punho na prateleira da lareira.

Ergo o olhar e endireito os ombros. Reúno todas as minhas forças e digo, em voz alta:

— Vocês não estão a compreender.

Elas olham para mim. Costumo ser a mais calada, a pacificadora, a ouvinte. Ninguém está habituado a que eu seja o centro das atenções.

Respiro fundo.

— Não temos qualquer poder, não percebem isso? Temos de esquecer o assunto, temos de deixar o pai entregue à vida dele. A única coisa que nos resta fazer é certificarmo-nos de que ele sabe que o amamos e que pode contar sempre connosco. De agora em diante, estamos por nossa conta. — Olho para as minhas irmãs e depois para a Jane-Elizabeth. — Não sei como é convosco, mas eu tenciono pirar-me daqui o quanto antes.

## CAPÍTULO 2

— **M**ais champanhe, minha senhora?  
Abro um olho e vejo os dentes brancos cintilantes e o batom vermelho brilhante e espesso do sorriso da hospedeira, ao lado da garrafa oferecida.

— Oh. Obrigada, mas... continuo a não querer. — Sorrio-lhe de forma educada, tentando disfarçar a minha irritação. É a quarta vez que ela aparece e o facto de eu estar a tentar dormir não a parece dissuadir. Vou ter de pôr a máscara para dormir e tapar-me com uma manta a seguir, na esperança de que isso a desencoraje.

Quero descansar. Já estava exausta antes de ter chegado a casa para o encontro pavoroso com o pai e agora sinto-me completamente de rastos. Ultimamente tenho ido a demasiadas festas e estou a começar a senti-lo na pele. Não obstante a esperança de que a minha vida social desenfreada me possa dar o que procuro, nada parece fazer dissipar a tristeza que se instalou no meu âmagô.

*E agora está cem vezes pior.*

O frio que tenho sentido desde que cheguei a casa não me larga. Estou sempre a tremer e não me consigo aquecer. É o mesmo frio que senti quando fui atingida pela farpa da solidão, assim que me apercebi de que as minhas irmãs têm os namorados e eu não tenho ninguém para me proteger enquanto a minha família se desmoro-na e desaparece à minha volta. Quando a minha mãe morreu, tive medo de que também levassem as outras pessoas de mim, pelo que me agarrei a elas. Aos poucos comecei a acreditar que o meu pai e as minhas irmãs não me iam deixar. Mas agora... é como se o meu pesadelo de infância se tivesse tornado realidade. O nosso pai pôs-nos na rua e deixou de nos apoiar financeiramente. Preferiu a Estella a nós. Algures dentro de mim apetece-me gritar e chorar,

mas não posso. Em vez disso fico com esta sensação gelada de abandono puro.

*Mas sempre tive a Flora. Sempre nos tivemos uma à outra. Até agora.*

Depois de a nossa mãe ter morrido, a Freya, a mais velha, foi aparentemente a mais afetada pela perda; tornou-se muito zangada e distante, e tentou afastar-nos da sua vida. A Flora teve sempre mais autoconfiança do que eu — tinha o seu mundo vividamente imaginativo no qual se refugiar, o sítio que alimenta a sua criatividade e faz dela a atriz maravilhosa que é. Eu tornei-me uma espécie de lapa, sempre agarrada a uma ou a outra, como se tivesse medo de que me deixassem novamente sozinha. À medida que fui crescendo, comecei a viajar pelo mundo — era fácil, com o dinheiro do meu pai à minha disposição e o meu grupo de amigos do *jet-set* internacional. Andava sempre à procura de um sítio que me proporcionasse essa sensação de pertencer a algum lado.

*Mas agora tenho vinte e dois anos e nunca o encontrei.*

Ao aproximarmo-nos do aeroporto de Los Angeles, preparo-me para a aterragem, devolvendo a manta e vestindo o casaco. Espero que o tempo soalheiro faça desaparecer o frio que continua a arrepiar-me a pele. Foi um momento terrível quando saímos de casa, as três seguindo caminhos separados. A Freya estava claramente ansiosa por regressar à Escócia e ao Miles, e a Flora ia apanhar um voo de volta para a vida que construiu em Paris e, com toda a certeza, para o Andrei Dubrovski, embora nunca tivesse mencionado o nome dele. Sabe que todas estamos preocupadas com a relação dela com um homem como ele: valentão, que veio do nada e que talvez nem sempre esteja do lado certo da lei. Mas a relação deles é tão recente que a Flora só vê o lado que ele quer que ela veja. Espero sinceramente que não tenha uma terrível surpresa.

«Por favor, Summer, vem comigo para Paris», suplicou a Flora, pegando-me na mão enquanto nos preparávamos para seguir caminhos diferentes. «Podes ficar comigo o tempo que quiseres, sabes disso! Eu ia ficar tão contente... e tu ias conhecer o Andrei e ficar a saber exatamente como ele é. Por favor.»

Olhei-a fixamente. Adoro-a, a minha louca, talentosa e bela irmã gémea, a pessoa que melhor me conhece em todo o mundo. Parte-me

o coração saber que agora tem outra pessoa com quem partilhar a alma. Mas também estou feliz por ela.

«Não», respondi-lhe calmamente. «Irei visitar-te em breve. Mas agora ainda não.»

*Como é que lhe posso dizer que é demasiado doloroso assistir à felicidade dela, quando me sinto tão sozinha? Não tenho ninguém para me reassegurar de que sou amada e isso está a dar cabo de mim. E de modo algum vou estragar a felicidade dela com o Andrei.*

Mas também tenho medo por ela. Tenho medo da pessoa que o Andrei realmente é, e do que possa fazer à Flora.

Ela apertou os dedos em torno dos meus:

«Mas para onde é que vais, Summer? O que é que vais fazer?»

Sorri-lhe, querendo tranquilizá-la de que ficaria bem. Não queria que se preocupasse comigo.

«Eu fico bem. Vou visitar o Jimmy, como é óbvio.»

*Los Angeles. Calor. Luminosidade. Céu azul. Palmeiras. Se não conseguir livrar-me deste frio aqui, onde mais o poderei fazer?*

— Summer! Summer, querida, aqui deste lado!

Volto-me e vejo o Jimmy aos saltos para cima e para baixo, a acenar como um louco. Rio-me da figura dele, como é esperado que faça, e no minuto seguinte ele está ao meu lado, a envolver-me num enorme abraço e a beijar-me as faces. Reparo em duas mulheres que me fitam com ar de inveja e não as censuro. O Jimmy parece um modelo de tão bonito que é, a pele bronzeada num tom de café com leite, os dentes brancos e o cabelo escuro, com o corpo do campeão de polo que já foi, não há muito tempo.

*Mas não precisam de ficar roídas de inveja, meninas. Ele não anda à procura de namorada.*

Beijo-o também, sentindo-me descontraída no seu abraço familiar. Sabia que se alguém me podia reconfortar essa pessoa era o Jimmy. Ele dá um passo atrás e olha para mim:

— Continuas gira como tudo, Summer Hammond! Nem acredito que ainda ninguém te deu a volta.

Encolho os ombros:

— Se calhar os homens heterossexuais têm falta de gosto.

Ele revira os olhos:

— Podes crer. Anda, tenho o carro lá fora. Não é tão glamoroso como aquilo a que estás habituada, mas leva-nos aonde tivermos de ir.

Lanço-lhe um olhar sério quando ele começa a empurrar o meu carrinho das malas e ele apercebe-se de imediato:

— Oh-oh. Trazes novidades, minha menina. Guarda-as para a viagem daqui até à cidade. Podes contar-me tudo, tintim por tintim.

É difícil não me sentir mais jovem e descontraída à medida que o carro atravessa o sol matinal, deslizando rapidamente de regresso à cidade. A capota do descapotável está recolhida e o vento faz esvoaçar o meu cabelo louro e comprido. Coloquei óculos escuros e estou deslumbrada com o céu azul límpido, ao mesmo tempo que sinto uma parte dos meus problemas a dissipar-se.

Vislumbro o nosso reflexo no vidro retrovisor e ocorre-me que devemos parecer um jovem casal de Hollywood, a voar a toda a velocidade na autoestrada. Não é bem assim. É um facto que o Jimmy é um aspirante a ator que vai ao máximo de audições possível, organizando-se entre trabalhos de representação, projetos de moda e sessões fotográficas, tal como muitos tipos em Los Angeles à espera da sua grande oportunidade. Mas quando o conheci era o nosso instrutor de equitação e polo e fazia parte da equipa de polo de um magnata argentino qualquer, tendo conquistado vários troféus para o patrão em todo o mundo. Adorávamos o Jimmy e ele tornou-se um grande amigo. O único problema foi o facto de a Flora se ter apaixonado perdidamente por ele, a ponto de o Jimmy decidir que era melhor ir-se embora e perseguir o seu sonho de se tornar ator. Também ajudou ele ter arranjado um namorado tão bonito, glamoroso e decidido a vingar em Los Angeles como ele próprio. Quando nos deu a notícia, ficámos de rastos, mas não tanto como a Flora, que desmaiou assim que percebeu que não só o Jimmy se ia embora como também era homossexual. Só a relação dela com o Andrei a conseguiu finalmente libertar do desgosto de saber que o homem que amava jamais a amaria da mesma maneira.

— E então — grita o Jimmy por cima do rugido do motor e do vento fustigante —, como é que vai o mundo dos Hammond? Como é que está a namorada/madrasta malvada? Continua a fazer das dela?

O Jimmy é incrivelmente perspicaz. Podia seguir a carreira de espião, caso não se safasse como ator.

— Como é que adivinhaste? Ela agora anda feliz da vida — grito eu, em resposta. — Finalmente tem o que sempre quis.

— Ai sim? — O Jimmy olha-me de relance e sinto a apreensão dele por trás dos óculos escuros. — O que é que aconteceu?

— Convenceu o pai a pôr-nos na rua. E a deixar de nos sustentar. Tudo o que ela tem feito nos últimos meses deu finalmente frutos. Ele acha que somos umas mimadas e que vamos para a cama com o primeiro gigolô que nos aparece à frente. Por isso decidi ensinar-nos uma lição das boas.

O Jimmy assobia:

— C'um caraças! Nem posso acreditar. Isso não é nada o género dele! Ele adora-vos.

— Já não — respondo eu, num tom seco.

— Quando me lembro como ele era convosco... Estava sempre com medo de que alguma coisa vos acontecesse. Já vi muitos sistemas de segurança, mas nada como o da vossa família. Pensava que me iam implantar um *microchip* e tudo, caramba.

— Se ele pudesse, tê-lo-ia feito! — replico eu, alegremente. — E, se nos pudesse ter isolado por completo do mundo, tê-lo-ia também feito.

— Não queria que vocês crescessem — responde-me o Jimmy, numa voz séria.

— Pois, mas crescemos e ele não suporta essa ideia. Detesta não nos poder controlar como costumava fazer.

— Não lhe agrada a ideia de outros homens poderem ser o vosso mais-que-tudo. — O Jimmy abana a cabeça. — É um caso típico, pá. Típico.

— Tens razão. — Suspiro e pouso o queixo em cima do punho, fitando a cidade que se aproxima. — Mas o que lhe aconteceu e que o deixou deste jeito já não é tão típico assim.

O Jimmy diz que sim com a cabeça:

— Sim. Isso é verdade. Nem todos os homens passam pelo que a tua família teve de passar.

Não dizemos nada durante uns minutos. O Jimmy conhece a história do que nos aconteceu quando a nossa mãe faleceu. É uma das poucas pessoas que a conhece. Ajudou-o a compreender a paranoia



do meu pai em relação à nossa segurança, bem como a necessidade de nos controlar.

De repente, o Jimmy exclama:

— Isso de ele deixar de vos sustentar é de loucos! Não o estou a imaginar, não depois de como têm sido estes anos todos.

Olho para ele, com um sorriso triste:

— Não conheces a Estella, Jimmy. Se a conhecesses, se calhar compreenderias.

— Deve ser uma boazona qualquer, com toda a certeza. É tipo o quê, a Mata Hari, a Cleópatra e a Marylin Monroe, todas fundidas numa só pessoa?

— Estás a atribuir-lhe demasiada classe, mas sim, estás mais ou menos no caminho certo. Não tem quaisquer escrúpulos, é uma espertalhona e zela pelos seus próprios interesses com uma espécie de mania paranoica, como se vivêssemos na Roma Antiga e a única forma de lidar com os inimigos fosse livrar-se deles. Quer-nos fora da vida do nosso pai porque somos uma ameaça para a posição dela; para nós é um livro aberto e não nos agrada nada o que tem escrito.

— Pois, não é nenhuma Mary Poppins, não. — O Jimmy lança-me um olhar compreensivo. — Era a última coisa de que vocês precisavam. Se ao menos o vosso pai tivesse conhecido alguém que pudesse sarar as feridas e a dor, e voltasse a unir a família... É uma treta ter-se juntado a uma pessoa que só veio piorar a situação.

Suspiro e fecho os olhos, sentindo o vento a fustigar-me à medida que avançamos.

— Podes crer, Jimmy.

O apartamento do Jimmy fica na Sunset Boulevard, o que soa bastante glamoroso, como se morasse no coração de Hollywood, até nos apercebermos de que a Boulevard se estende por vários quilómetros e que a casa do Jimmy fica numa ponta degradada, numas traseiras por cima de uma florista chamada Gail's Petals & Blooms. Regra geral, quando venho a LA alugamos um bangalô no Chateau Marmont e ficamos lá todos juntos, passeando pela cidade e divertindo-nos à grande. Gosto de mimar o Jimmy e ele gosta da boa vida, a qual conhece tão bem mas não pode suportar com o salário dos seus trabalhos de representação a tempo parcial. E dizemos sempre que é

benéfico para a carreira dele ser visto nos melhores restaurantes. Por causa daquilo a que o Jimmy apelida de «a minha fama» (mas que eu entendo como sendo notoriedade) junto de uma das herdeiras Hammond, às vezes somos fotografados para sites de mexericos ou para revistas de celebridades, e o Jimmy acha que isso talvez o ajude a divulgar o nome dele. Não sei se dará grande resultado, mas adora e a mim agrada-me fazê-lo feliz.

— Lamento que desta vez não seja no Marmont nem no Beverly Wilshire — digo, num tom apologeticamente, enquanto ele carrega as minhas malas pela porta da entrada até à passagem junto à loja que conduz ao apartamento. — Vai ser um bocado estranho habituar-me ao facto de os meus cartões de crédito não terem tanto uso como costumavam ter.

— Estás tonta? Não me importo nada — responde-me o Jimmy, com um sorriso. — Adoro poder receber-te e dá-me a oportunidade de retribuir um pouco a tua hospitalidade. O Charlie também vai adorar; fica cheio de ciúmes quando saímos juntos.

— Ele pode vir connosco; disseste-lhe isso, não disseste? — apresso-me a perguntar-lhe.

— Claro, eu é que o desencorajo! — replica o Jimmy, com uma gargalhada. — Não quero que se habitue demasiado a um estilo de vida que não podemos suportar. Além disso, não te quero partilhar com ninguém.

— Bem, mal posso esperar para o conhecer um pouco melhor. — Apercebo-me, com choque, que nunca me dei ao trabalho de me familiarizar com a vida do Jimmy em LA. Apareci sempre de rompante, levei-o comigo para o hotel mais fixe da cidade e fiz tudo à minha maneira. Talvez uma vantagem desta situação seja aprender mais sobre a vida do Jimmy e do Charlie.

O Jimmy leva as minhas malas para o pequeno quarto de hóspedes e depois vai preparar-me um chá, enquanto dou uma olhadela pelo apartamento. É muito elegante e está decorado de uma forma cuidada, revelando que o fizeram com amor, paciência e um orçamento limitado. Gosto da forma como tudo tem uma história por trás e um motivo para ali estar. As nossas casas foram quase sempre decoradas por *designers* de interiores, pessoas que são fantásticas a criar uma imagem e a garantir um ambiente que faz os proprietários parecerem cultos, instruídos e com um gosto impecável. Mas

nada disso tem qualquer significado para nós. Os quadros provêm de leiloeiras, os adereços são comprados em grandes armazéns, o mobiliário é cuidadosamente selecionado para nós. Limitamo-nos a habitar a visão de outra pessoa de como devemos viver.

— E então — diz o Jimmy, regressando da colorida cozinha com vista para o pequeno jardim deles, trazendo o nosso chá —, exatamente quanto dinheiro é que vocês têm? Não me digas que estão completamente lisas. O teu pai não faria uma coisa dessas, pois não? — Abana a cabeça e senta-se. — Quer dizer, quando penso na forma como vocês sempre viveram... como pequenas princesinhas.

Rio-me, com um ligeiro embaraço:

— Isso é um bocado exagerado, não? Além do mais, parecia-nos perfeitamente normal. Não tínhamos noção de que éramos fora do vulgar. Afinal de contas, a maior parte dos nossos amigos vivia da mesma maneira.

O Jimmy acena com a cabeça:

— O grupinho dos ricos. Ei, não te estou a criticar. Os miúdos não escolhem os pais nem o lugar deles no mundo. A pessoa cresce onde cresce e cabe a cada um viver o melhor que pode. A vida não é propriamente justa.

— Pois não — respondo-lhe, subitamente séria. — Faço os possíveis por ter noção da sorte que tenho.

*Será realmente verdade? Terei noção da sorte que tenho? Serei culpada de tomar tudo como garantido?*

— Mas e então... qual é a situação? Quanto é que tens? — O Jimmy não tenciona largar o assunto.

Pego na chávena e bebo um trago. Está quentinho e é reconfortante, como só um chá feito em casa pode ser. O chá dos hotéis não sabe ao mesmo e interrogo-me por que motivo será. Depois torno a sentar-me no sofá mole do Jimmy e digo:

— Não faço ideia. A Jane-Elizabeth vai escrever-nos a esclarecer isso mesmo. Os cartões de crédito vão ser suspensos, isso eu sei. Consegui marcar o voo mesmo a tempo. Mas, ao que parece, fazemos parte da administração da Fundação Hammond e recebemos um ordenado por isso.

O Jimmy parece achar piada:

— São pagas para não fazerem nada?

Aceno com a cabeça:

— Parece que sim. Por questões de impostos ou algo do género. Não faço ideia. Mas é o suficiente para não termos de passar fome.

— E também não têm propriamente poucos bens.

— Não... mas a maior parte está em casa do meu pai e por enquanto não somos bem-vindas. Por isso vou ter de arranjar outro sítio onde morar.

O Jimmy franze as sobrancelhas e chega-se à frente na poltrona, como se quisesse escutar melhor:

— Espera aí, deixa ver se eu percebi: o teu pai, que raramente vos deixava sair da vista dele sem um guarda-costas e um itinerário completo, pôs-vos na rua, assim sem mais nem menos? Estão proibidas de entrar nas casas dele?

— Não sei se ele o disse com essas palavras. Não me parece que estejamos proibidas, mas a ideia é sairmos de casa e tentarmos vingar pelos nossos próprios meios. Está farto de gastar dinheiro con-nosco e de não fazermos nada para o ganhar. — Rio-me, com ironia. — Quer dizer, a ideia é boa. Só tenho pena é que não nos tenha avisado com antecedência das suas intenções.

— E o que é que tencionas fazer? — O Jimmy parece estar finalmente a perceber que a minha vida dourada chegou ao fim. — Tens uma licenciatura, não tens? Podes arranjar um emprego.

Aceno com a cabeça. Frequentei a Brown University nos Estados Unidos, por isso é que sempre me senti em casa na América e apanho a pronúncia americana assim que o avião aterra. As minhas irmãs são mais britânicas do que outra coisa, mas eu sempre me senti americana. Passámos uma grande parte da nossa infância no Connecticut, quando o nosso pai estava a construir o seu negócio cá. A Flora sempre preferiu a Europa, mas eu adorava a América e regresssei assim que pude, depois de nos termos mudado para a Suíça.

— Não sei que tipo de emprego é que uma licenciatura em Literatura me vai facultar, mas vou fazer o possível por arranjar um. Não tenho outro remédio.

— Mas já tens um emprego — responde o Jimmy, com um sorriso. — Na Fundação Hammond, certo?

— Sim — replico com uma risada. — Isso se tivesse a mínima ideia do que faz a Fundação. Seja como for, é em Paris. Ou pelo menos a sede é lá.

— Devias investigar isso. Pode ser interessante.

— Talvez.

— Mas eu gostava que arranjasses um emprego aqui — diz o Jimmy, com uma expressão entusiasmada. — Vai ser tão divertido, poderemos andar juntos. Vai ser o máximo.

— Morar aqui? — Ainda não tinha posto essa hipótese. LA é um lugar onde costumo vir para me descontraír e me divertir. Nunca me imaginei a ficar cá e a construir uma vida nesta cidade.

— Porque não? Onde é que estavas a pensar ir?

— Eu... eu... não faço ideia... Talvez algures na Europa. Quer dizer, a Flora está em Paris. É tão longe daqui...

O Jimmy lança-me um olhar sério e diz:

— Eu sei que vocês são gémeas e que precisam uma da outra, mas nunca tiveste qualquer problema em andar a passear pelo mundo sem ela.

— Isso é diferente. Não estava fixa num lugar assim tão distante — respondo-lhe. Uma sensação de tristeza apodera-se de mim.

— Ei. — O Jimmy repara na minha expressão e percebe-a de imediato. — O que é que se passa? Ficaste com um ar tão destroçado mesmo agora que quase me partiste o coração. Passa-se alguma coisa com a Flora? Ela está bem?

— Está, sim. Só que... — Desvio o olhar. Sinto-me uma traidora por não estar encantada com a felicidade da minha irmã.

— A vida amorosa dela está a intrometer-se entre vocês as duas. — O Jimmy compreende. Compreende sempre. É um dos motivos por que o adoro.

— Estou feliz por ela, mas não consigo evitar sentir que a relação a roubou de mim. Sei que é egoísta da minha parte. Sinto-me muito mal por isso. Mas dantes podíamos contar sempre uma com a outra. Falávamos todos os dias. Agora... Às vezes passam-se dias sem que tenha notícias dela e sei que é porque está com ele e se esqueceu completamente de mim.

— Não é fácil — diz o Jimmy, num tom compreensivo. — Não estás a ser egoísta. É normal sentires-te assim, uma vez que eram tão próximas.

Consigo esboçar um sorriso:

— Mas continuo a sentir-me mal por isso. Acredita.

Nesse momento a porta da rua fecha-se com força e ouvem-se passos no corredor. O Jimmy ergue o olhar para a passagem, com um sorriso.

— Porreiro — diz ele —, o Charlie já voltou do mercado. Espero que não se tenha esquecido do café, não temos nadinha.

Segundos depois, um homem bem constituído vestido com uma t-shirt e calças de ganga transpõe calmamente a porta, com um saco de papel cheio de compras nos braços. Tem o cabelo ruivo curto e está bronzeado, e os olhos estão escondidos atrás de uns óculos escuros estilo aviador.

— Ora então olá! — exclama ele ao ver-me. — Parece que a nossa visita já chegou! Olá, Summer, estás boa?

— Olá, Charlie. Está tudo bem, obrigada. — Levanto-me para o cumprimentar, e ele pousa as compras e estende os braços para mim. Sempre gostei do Charlie, embora não o conheça muito bem. Ele e o Jimmy não estão juntos há tanto tempo quanto isso. E está em ótima forma física — os bíceps dele parecem ter sido insuflados com uma bomba de encher pneus de bicicleta. Deve passar bastante tempo no ginásio, de certeza.

— Estava mesmo agora a falar em ti — diz o Charlie, beijando-me as faces. Volta-se para olhar por cima do ombro, para a passagem. — Ei, Jack, não sejas tímido! Entra!

Sigo o olhar dele e instantes depois outro homem entra na sala. Sustenho a respiração. É mais forte do que eu. É o tipo mais bonito que alguma vez vi na vida.

*Uma história emocionante e apaixonada,  
capaz de provar que o amor consegue vencer  
todas as barreiras e diluir as diferenças.*

Tudo o que Summer Hammond sempre quis foi viver com amor e segurança. Agora, ela sente-se terrivelmente só. As irmãs, Freya e Flora, vivem inebriadas com os seus romances recentes e o pai, que perdeu a paciência para os devaneios das filhas, cortou-lhes, em definitivo, o apoio financeiro.

Consumida por um forte sentimento de rejeição, Summer viaja para Los Angeles onde conhece Jack Fuoco, um italo-americano belo e cativante. A atração entre ambos é imediata e quando Jack convida Summer para uma saída a dois ela aceita sem hesitar.

Rapidamente o encontro passa de romântico a assustador quando, para seu desespero, Summer percebe que foi raptada. As motivações de Jack nada têm a ver com dinheiro e Summer vai descobrir aquilo que o seu raptor esconde, ao mesmo tempo que a intensidade da atração entre ambos chega a níveis impossíveis de controlar.



*«Sadie Matthews tem um estilo de escrita simples e adorável, que faz a história fluir facilmente entre os altos e baixos das relações amorosas. Então, sentimos que fazemos realmente parte daquele mundo.»*

*Handwrittengirl*



Veja o vídeo de apresentação deste livro.

[www.topseller.pt](http://www.topseller.pt)

**TOP  
SEL  
LER**

os livros em primeiro lugar

20123 authors

ISBN 978-989-880-068-8



9 789898 800688

Ficção Erótica